

Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade: Narcisismo, Felicidade e Elaboração Psíquica

Gabriel Artur Marra e Rosa¹
Universidad del Salvador, Buenos Aires, Argentina
Benedito Rodrigues do Santos
Universidade Católica de Brasília, Brasília-DF, Brasil

Resumo. O presente artigo constitui-se em um ensaio teórico. Originou-se de uma pesquisa empírica cujo um dos principais objetivos foi analisar a possibilidade de elaboração psíquica de conflitos pessoais, de lutos e de dificuldades próprias por meio das interações e da participação nas redes sociais de internet. Tendo como ponto de partida os resultados obtidos nesta investigação, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise teórica sobre essa possibilidade de elaboração psíquica como uma repercussão das redes sociais na subjetividade dos usuários. Considerando as evidências empíricas da correlação entre a exaltação de aspectos narcisistas e o bem-estar ou o mal-estar dos usuários em pesquisas recentes, o conceito de narcisismo foi elencado como ponto de convergência para uma interlocução entre a perspectiva crítica da denominada cultura do narcisismo, a crítica da felicidade e a concepção freudiana de narcisismo e de elaboração psíquica. A conclusão a que se chegou é a de que, embora haja exaltação de uma suposta felicidade narcisista e individualista nessas redes, a possibilidade de elaboração psíquica, mediante a expressão nas redes sociais, surge também como possível repercussão do uso dessas redes sociais na subjetividade dos usuários.

Palavras-chave: Redes sociais; subjetividade; elaboração psíquica.

Repercussions of Social Networks on Subjectivity: Narcissism, Happiness and Psychic Elaboration

Abstract. This paper consists of a theoretical essay based on an empirical research that has as one of its aim to analyze the possibility of psychic elaboration of personal conflicts, of mourning and of one's own issues through interaction and participation in online social networks. From the results obtained in this investigation, this work seeks to conduct a theoretical analysis on the possibility of psychic elaboration as a repercussion of social networks on the subjectivity of users. Considering the empirical evidence of a correlation between the exaltation of narcissistic aspects and the welfare of users in recent researches, the concept of narcissism was cast as the convergence point for a dialogue between the critical perspective of the so-called culture of narcissism, the critique of happiness and the Freudian concept of narcissism and psychic elaboration. The conclusion to which we come is that, although a supposed narcissistic and individualistic happiness is exalted in these networks, the possibility of psychic elaboration by means of the expression in these social networks also emerged as possible repercussions of using these networks on the subjectivity of users.

Keywords: Social networks; subjectivity; psychic elaboration.

Repercusiones de las Redes Sociales en la Subjetividad: Narcisismo, Felicidad y Elaboración Psíquica

¹ E-mail: gabriel_marra@hotmail.com

Resumen. El presente artículo se constituye en un ensayo teórico. Se originó a partir de una investigación empírica en que uno de los objetivos era analizar la posibilidad de elaboración psíquica de los conflictos personales, de lutos y de las dificultades propias mediante las interacciones y la participación en las redes sociales de Internet. Basándose en los resultados obtenidos en esta investigación, el presente trabajo tiene como objetivo realizar un análisis teórico sobre la posibilidad de elaboración psíquica como una repercusión de las redes sociales en la subjetividad de los usuarios. Teniendo en cuenta las evidencias empíricas de correlación entre la exaltación de aspectos narcisistas y el bienestar o el malestar de los usuarios en las investigaciones recientes, el concepto de narcisismo fue elegido como punto de convergencia para un diálogo entre la perspectiva crítica de la llamada cultura del narcisismo, la crítica de la felicidad y los conceptos freudiano de narcisismo y de la elaboración psíquica. La conclusión a que se llegó es que, aunque haya una exaltación de una supuesta felicidad narcisista e individualista en estas redes, la posibilidad de elaboración psíquica, mediante la expresión en las redes sociales, surge también como posible repercusión de su uso en la subjetividad de los usuarios.

Palabras clave: Redes sociales; subjetividad; elaboración psíquica.

A literatura especializada no campo da denominada cibercultura tende a se dividir entre céticos e otimistas ou entre faustos e prometeicos em relação às possíveis repercussões dos dispositivos oriundos da internet na sociedade e, por conseguinte, na subjetividade de seus usuários (Rüdiger, 2011). No que se refere às redes sociais, cuja origem provém da circunscrição nesse amplo campo da cibercultura, o debate no meio acadêmico não é diferente (Rosa & Santos, 2013).

Essa divisão de posicionamentos torna-se evidente por meio de estudos que assinalam, por um lado, que essas redes são uma fonte de incremento da criatividade e do bem-estar (Kazue & Fernandes, 2012) e da autonomia subjetiva dos usuários (Moreira, 2010) e, por outro, que essas redes propagam a cultura do prazer hedonista-consumista que tende a alienar os usuários (Alves & Mancebo, 2006; Pinheiro, 2008) e a gerar uma espécie de culto narcisista-individualista (Mehdizadeh, 2010; Twenge, Konrath, Foster, Campbell, & Blushman, 2008).

Ao que tudo indica, tal como perceberam Paiva (2012) e Rosa e Santos (2013), o *leitmotiv* que une e separa essas linhas de pensamento é composto pelo contraste entre a perspectiva que considera a repercussão dessas redes na subjetividade como uma forma de socialização e de fortalecimento das relações e a outra que a concebe como o engrandecimento narcísico-individualista em detrimento das relações interpessoais. Consequentemente, diante de semelhante divisão nesse campo de estudos que é a cibercultura, insurge a necessidade de se aprimorar o debate. Portanto, torna-se imprescindível uma elaboração teórica crítica dessas concepções opostas para que se possa avaliar até que ponto elas se contrapõem ou se mantêm como perspectivas viáveis para compreender tal fenômeno.

Neste contexto, o presente artigo tem como ponto de partida os resultados obtidos em uma pesquisa prévia (Rosa, 2014), cuja evidência de elaboração psíquica por meio da participação e das interações que ocorrem no ambiente das redes sociais foi um dos principais achados. Sendo assim, para atender ao objetivo proposto, partiremos da premissa de que, ao participar de um ambiente como o das redes, tal como ressaltaram Nicolaci-da-Costa (2005) e Rosa e Santos (2013, 2014), as pessoas têm não somente a possibilidade de interagir independentemente das fronteiras de tempo e de espaço, mas também de se apresentar com diferentes narrativas sobre si mesmas (verídicas ou não, sinceras ou não) e de adquirir conhecimento a respeito de si mesmas na medida em que escrevem e recebem *feedbacks* dos seus contatos *on-line*.

Diante do desafio proposto no presente artigo, efeturemos a elaboração teórica a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Essa perspectiva será respaldada por um diálogo entre a concepção de cultura do narcisismo (Lasch, 1983) e de crítica à felicidade (Benasayag & Charlton, 1989/1992) em relação aos clássicos conceitos freudianos de narcisismo e de elaboração psíquica (Freud, 1914/1992a, 1915/1992b). Destarte, sem confundirmos o conceito de subjetividade com o de psíquico, compreendemos o primeiro como a possibilidade de devir, de atualização de possibilidades, ou seja, tal como postula Hornstein (2013), como possibilidades de o ser poder acontecer. Para esse autor, a alteração é a forma viva da subjetividade e se refere a poder converter-se em outro sem deixar de ser si mesmo, em que pese a perda de certo número de qualidade e a aquisição de outras.

O conceito de psíquico, por seu turno, será entendido como a qualidade integradora/separadora do que concerne ao interno e ao externo, ao eu e ao outro (Caparrós,1998) e, portanto, como o propulsor da possibilidade de que haja elaboração psíquica de conflitos pessoais, de lutos e de dificuldades próprias ao utilizar as redes sociais. Assim, tendo o conceito de narcisismo como o ponto de articulação para o diálogo proposto, assinalamos a necessidade de revisão deste conceito procedente da orientação freudiana, que o considera como um princípio fundamental da gênese e do funcionamento do aparelho psíquico (Freud, 1914/1992a). Essa revisão nos possibilita estabelecer o nexos associativo necessário para avaliar se existe, de fato, a possibilidade de tais repercussões na subjetividade dos usuários das redes. No entanto, sem perder de vista a visão crítica da cultura do narcisismo, elencada por Lasch (1983) e também desenvolvida por Benasayag e Charlton (1989/1992) em relação a uma suposta busca pela felicidade tal como um imperativo categórico, contemplaremos as duas concepções opostas preponderantes nesse campo de estudo da cibercultura com o intuito de aprimorar o debate e de oferecer novas perspectivas para futuras investigações.

A Cultura do Narcisismo e a Crítica à Felicidade

A denominada cultura do narcisismo diagnosticada por Lasch (1983) tem sua origem no declínio da considerada segurança inabalável promulgada pelo chamado sonho norte-americano de realização e de felicidade pessoal. Segundo o autor, após as crises financeiras, o fracasso na guerra do Vietnã e o crescimento das desigualdades sociais, a retórica neoliberal intensificou a promoção de uma noção de busca individual pela felicidade. Essa busca, segundo esse autor, realiza-se por meio da satisfação pessoal alcançada pelo êxito na vida pessoal e no trabalho, pela obtenção de bem-estar e pela aquisição de bens materiais.

Esse imperativo de busca de uma suposta realização pessoal, segundo Lasch (1983), culmina em uma cultura individualista e, sobretudo, narcisista. Em semelhante cultura, os indivíduos passam a concentrar seus interesses em si mesmos e em uma busca pessoal pelo seu próprio bem-estar, supostamente representado pelo sucesso, pelo reconhecimento de suas proezas e pelas realizações pessoais em detrimento do coletivo. O resultado implícito dessa busca poderia ser entendido como o foco vital do denominado *carpe diem*, cujo efeito sobressalente é o de que as pessoas passam a desinteressar-se pelo passado e pelo futuro, convertendo o hedonismo, o consumismo e, por conseguinte, o estilo de vida narcisista em uma condição humana.

O sujeito narcisista, na perspectiva de Lasch (1983), busca o reconhecimento alheio por meio da sedução, dos logros trabalhistas e financeiros e do desprendimento de qualquer vinculação que possa ofuscar o seu eu ególatra e egoísta. Nesse contexto, portanto, busca-se a quantidade. O poder, o sexo e as relações interpessoais tornam-se meios para alcançar o fim almejado, mas, ao mesmo tempo, segundo Lasch (1983), destrutivo: a obtenção de prazer e a exaltação da individualidade e das qualidades pessoais. Para Lasch (1983), em tal consagração da cultura do narcisismo, a compulsão pela concupiscência, pelo reconhecimento social, pelos prazeres orais e pelo consumo de bens materiais culmina na solidão, no vazio interior e na falta de sentido da vida. Os correlatos mais sutis dessa empreitada, segundo o autor, são a busca de sentido no plano espiritual, a procura de bem-estar terapêutico e uma suposta solidariedade e compaixão para com os demais. Tudo isso é, contudo, uma forma de buscar reconhecimento pessoal e não interesse genuíno pelos outros.

Em uma visão crítica similar, Benasayag e Charlton (1989/1992) propõem que a felicidade tornou-se uma imposição do mercado capitalista baseada tanto no êxito pessoal e profissional, como no bem-estar do indivíduo realizado e reconhecido em seu contexto social. Para os autores, essa imposição opera como uma retração narcisista da libido dos indivíduos que buscam, na natureza irracional e inquestionável da felicidade, o que se converte em causa suficiente e única para justificar todos os seus atos. Ser feliz, dessa maneira, é a tônica da vida de todos que, indo além e valendo-se da concepção metafísica de felicidade, converte-se em se sentir bem, em se divertir e em viver plenamente. Nesse sentido, tal como um novo imperativo categórico, ser feliz e usufruir do bem-estar tornam-se a imposição de uma sociedade mercantil e espetacular. Com efeito, a autoestima do sujeito

e o reconhecimento social estariam, destarte, relacionados a esse ideal de ser feliz, de não ter problemas pessoais e de ter êxitos em todos os sentidos.

Seguindo por essa linha de raciocínio, se refletirmos acerca das previsíveis repercussões da participação em redes sociais de internet na subjetividade de seus usuários, deparamo-nos com o cultivo dos prazeres hedonista-consumista e narcisista-individualista, que tendem a alienar os usuários, tal como mencionamos anteriormente. Não obstante essas primeiras asserções, a condição de possibilidade de que haja algum tipo de elaboração psíquica como repercussão na subjetividade desses usuários, vista sob a lente da influência dessa cultura do narcisismo, não abarca a totalidade do que possa ser considerado como felicidade para as diferentes pessoas que utilizam as redes. Por isso, entendemos que a inquietude inicial proposta neste artigo permanece sem respostas: há elaboração psíquica? Eis a questão.

O Que os Críticos das Redes Sociais da Internet Ainda não Perceberam

Em que pese a correlação direta estabelecida nas pesquisas sobre redes sociais entre o narcisismo e o bem-estar dos participantes (Mehdizadeh, 2010), é preciso rever a essa correlação. O profícuo diálogo entre o sociólogo Zygmunt Bauman e o psicanalista Gustavo Dossal (Bauman & Dossal, 2014), realizado por *e-mail* e publicado recentemente, conduz-nos a uma análise ainda mais acurada acerca dessa proposição. Nessa conversa, mediada ela própria por dispositivos da internet, os interlocutores se propõem a refletir sobre a problemática da sociedade atual com base em um diálogo entre a concepção de vida líquida e o legado freudiano. Particularmente centrados em uma releitura da obra “Mal-estar na Civilização” - *Das Unwohlsein in der Kultur* (Freud, 1930/2004), os dois pensadores referenciaram a hiperpotência da natureza, a fragilidade do nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos recíprocos entre os homens na família, no Estado e na sociedade como fontes de mal-estar, tal como apregou Freud.

Bauman (Bauman & Dossal, 2014), ao enfatizar a compulsão da sociedade contemporânea por criar mais liberdades para o indivíduo, sociedade que consome e que exerce a sua individualidade sem fronteiras, assinala que incorremos em um movimento pendular de valores que oscila entre a exaltação da liberdade e a carência de segurança. Desta maneira, considerando a incerteza (*unsicherheit*) e a vulnerabilidade não somente como qualidades humanas, mas também como fundamentos de todo poder político, o sociólogo discorre, entre outros temas, a respeito da transformação do medo originário (da natureza) em medo do poder que o homem pode exercer sobre o próprio homem. Em sua análise, o princípio do prazer freudiano é fomentado pelo mercado, mas, ao mesmo tempo, segundo Bauman (Bauman & Dossal, 2014), o princípio de realidade cobra sua vigência e demonstra o quão sujeito estamos a uma realidade coerciva e insegura que se torna uma irritação temporal que devemos reinventar constantemente. Os correlatos desse movimento são, por evidência, uma insatisfação voraz e uma insegurança permanente que nos acomete a todos na atualidade.

Dossal (Bauman & Dossal, 2014), por sua vez, destaca que o arcabouço teórico freudiano resguarda um posto privilegiado ao conceito pulsão (*trieb*). O sujeito do inconsciente, nessa perspectiva, não goza de liberdade alguma no que concerne à procura de satisfação. Pelo contrário, é escravo de um impulso que o empurra a um prazer de natureza paradoxal, prazer esse que é oriundo do antagonismo entre a pulsão de vida (*eros*) e a pulsão de morte (*thanatos*). Em tal prazer, portanto, na teoria energética de Freud, não se encontram segurança, nem tampouco bem-estar ou estabilidade absoluta. Por isso, nas palavras do psicanalista, Freud talvez houvesse previsto mais uma fonte de mal-estar na civilização: a do homem com ele mesmo, com sua natureza.

Segundo Dossal (Bauman & Dossal, 2014), a vida humana não está apenas ameaçada pela impossibilidade de prevenir o seu devir, mas, sobretudo, pelo fato de que, desde o momento inaugural, o ser é empurrado ao desamparo mais radical, o qual nem o amor mais perfeito pode remediar:

... como sujeito da palavra, toda a sua existência é afetada pela ignorância fundante (o que conhecemos como inconsciente), um não saber radical: Quem somos? Qual é o nosso desejo?

Desejamos o que queremos? Queremos o que desejamos? Em que consiste ser homem ou mulher? Qual é a nossa identidade? O que significa ser pai? É legítima a aspiração ao que acredito aspirar? De que gozo mais além do que eu creio gozar? (Bauman & Dossal, 2014, p.135; tradução nossa).

Diante desse cúmulo de interrogantes derivados do não saber radical, a satisfação, o bem-estar e a denominada felicidade estariam estropiados pelas razões internas da estruturação da nossa subjetividade. Ainda, segundo Dossal (Bauman & Dossal, 2014), a inserção no mundo da linguagem perverte a natureza da necessidade humana, introduzindo-a em um circuito infernal. Nas palavras de Bauman (Bauman & Dossal, 2014), esses constructos freudianos são o maior e o mais perdurável de seus descobrimentos que nos possibilitam falar sobre o inefável:

Concordo com tudo o que ele escreveu. Na verdade, o "inconsciente", o equivalente psicológico dessa "matéria obscura" que, apesar de sua invisibilidade torna possível e tangível o universo, ou o númeno que nunca vemos, em primeira mão, mas sustenta a presença do mundo fenomênico, é a maior e mais duradoura descoberta (constructo?) do legado freudiano. Nos permite falar do inefável. (Bauman & Dossal, 2014, p. 159; tradução nossa).

Por meio deste diálogo, Dossal (Bauman & Dossal, 2014) reitera que o arcabouço teórico freudiano nos acende uma luz para repensar a situação do ser humano diante do desamparo inicial e nos coloca frente a frente às perguntas sem respostas, as quais lhe escapam à razão e à realidade objetiva. Diante dessas afirmações, percebemos que as nossas inquietudes iniciais sobre a possibilidade de elaboração psíquica ao participar em redes sociais permanecem em aberto. Considerando que o denominado bem-estar apenas pode ser concebido, na teoria freudiana, como algo passageiro e que o alívio permanente das pulsões e do aspecto inefável de nossas vidas apenas seria possível, em termos freudianos, na descarga total, ou seja, no gozo absoluto que é a morte (Moreira, 1995), estaríamos fadados ao fracasso ao buscar também algum tipo de bem-estar ou de felicidade nas redes sociais. Assim sendo, sobrevêm os seguintes questionamentos: que bem-estar é esse que, supostamente, as pessoas buscam nas redes e as pesquisas analisam (Chiu, Chenga, Huangb & Chen, 2013)? Qual seria a possibilidade de elaboração psíquica proporcionada pelas redes sociais imersas nessa denominada cultura do narcisismo em tempos do discurso capitalista?

Na análise de Dossal (Bauman & Dossal, 2014), o gênio Steve Jobs (1955-2001), ao criar os *iPhones*, converteu, com proeza, o que Max Weber (1864-1920) denominou desencantamento do mundo (*Entzauberung der Welt*), devolvendo ao mundo a sua qualidade mágica. Para ele, entretanto, ainda que o modelo econômico do capitalismo se perpetue porque capta proveitosamente os mecanismos da subjetividade, os objetos propostos como objetos de desejo não conseguem conter o próprio desejo, que não somente não se contenta jamais com o seu objeto, mas que se recarrega e prossegue em seu movimento eterno em direção ao nada. Sendo assim, se considerarmos a felicidade e o bem-estar os objetos do desejo da cultura do narcisismo propagados pelos usuários nas redes sociais, podemos prever que estaríamos sujeito a uma busca frenética que desembocaria, indubitavelmente, na frustração. Em virtude dessa peculiaridade humana, percebemos que a possibilidade de elaboração psíquica, tal como propomos no presente artigo, vai além dessas pressuposições e precisa ser mais bem-elucidada.

Narcisismo e Gênese do Aparelho Psíquico: Retomando Para Prosseguir

Freud (1914/1992a) postulou o conceito polissêmico e controverso de narcisismo como um magma ao referir-se às neuroses de transferência e às neuroses narcisistas. Tomar o próprio corpo como objeto sexual foi o aforismo inicial que contou com a influência dos trabalhos de Näcke (1851-1913) e de Krafft-Ebing (1840-1902). No entanto, indo além, o conceito de narcisismo permitiu a Freud, segundo Hornstein (2013), pensar não somente a esquizofrenia, a paranoia, a melancolia, a enfermidade orgânica, o dormir e a vida amorosa, mas também a organização do psiquismo. Desse modo, o conceito de narcisismo transcende à clínica propriamente dita e se insere plenamente no campo da metapsicologia freudiana.

A divisão conceitual entre narcisismo primário e secundário oferece um suporte para se pensar a estruturação do modelo de aparelho psíquico freudiano, cujo resplendor se expressa por meio da díade autoerotismo-amor objetual. O desenvolvimento dessa elaboração teórica foi realizado por Freud, sobretudo, em “Introdução ao narcisismo” (1914/1992a) e em “Luto e melancolia” (Freud, 1917/1992b), mas teve seus primeiros esboços em trabalhos percussores e esteve presente ao longo de sua obra. No decorrer desse processo de reelaboração constante durante sua vida, Freud utilizou como protótipo o neonato e postulou que o narcisismo primário é um estado de indiferenciação entre eu e não eu. Seria uma espécie de totalidade indiferenciada na medida em que apenas se remete a si mesmo; nada é excluído e nada se inclui. Nessa totalidade, imperam a existência orgânica e os princípios de homeostase e de nirvana que, respectivamente, asseguram o equilíbrio interno do corpo biológico e do psiquismo. De tal modo, na teoria freudiana, o si mesmo não existe na etapa do neonato. Ele apenas será plenamente psíquico a partir do narcisismo secundário, momento este em que se repete a presença e a atuação da mãe ou do outro substituto (Caparrós, 1998).

Essa presença e a atuação da mãe ou do outro substituto constituirão o alicerce para que o psiquismo rudimentar possa, paulatinamente, discriminar entre externo e interno, entre eu e outro. Nessa perspectiva da estruturação do aparelho psíquico freudiano, um dos principais mecanismos que permitem que ocorra essa discriminação é a cisão (*spaltung*). Esse mecanismo foi desenvolvido com maior ênfase pela escola kleiniana e se define, segundo Caparrós (1998), pela separação entre interno e externo. Juntamente com o mecanismo da negação (*verleugnung*), a cisão é a base do advento da subjetividade.

O narcisismo secundário, por sua vez, advém da função de objeto e transcorre por um longo caminho desde as primeiras identificações. Em meio a esses vaivéns da presença e da atuação da mãe ou de seu substituto, o nascituro será investido libidinosamente pela mãe ou por seu substituto que, concomitantemente, metabolizará a agonia do bebê e o remeterá à capacidade de fantasiar (*rêverie*) (Bion, 1962/2013). Como resultado, nesse momento da constituição subjetiva, diferentemente do que era a situação fetal, o objeto materno tem uma presença descontínua e, ante suas prazerosas presenças e desprazerosas ausências (*fort-da*) e o fantasiar (*rêverie*), surge a primeira relação de objeto e, concomitantemente, a identificação primária (Caparrós, 1998).

Essa identificação primeira constituir-se-á a sede do desconhecimento e estabelecerá uma forma imaginativa de conceber o corpo e sua relação com a realidade circundante (*innenwelt al umwelt*), tornando-se uma imagem especular e o primeiro esboço especulativo do eu (Lacan, 2003). Por um lado, podemos ressaltar que a nossa primeira identificação é uma alienação com uma imagem especular e que essa sede do desconhecimento será o que nos impulsionará a uma busca frenética por ser; busca essa que, posteriormente, será evocada pela experiência. Por outro, no que se refere à relação objetual, ressaltamos que esse objeto primeiro será a mãe ou o substituto pelo qual o desejo se apontará. Nesse processo, a libido tenderá a retornar ao eu na etapa do narcisismo secundário para que se possa investir nos objetos internos projetados no exterior. Consequentemente, podemos asseverar que, nos postulados freudianos, a subjetividade se origina nesse percurso no qual se constitui uma identificação alienante e, ao mesmo tempo, um suposto objeto perdido ao qual se dirige o desejo.

Nesse entrançado subjetivo, no entanto, identificação e desejo não são mundos isolados (Hornstein, 2013). Pelo contrário, segundo Green (1990/1993), o ideal do ego é o substituto da identificação primária e articula o narcisismo e a objetividade. Sendo assim, podemos entender que esse ideal do ego, fomentado pela identificação alienante primeira e pelo direcionamento do desejo a um suposto objeto, quando em contato com a denominada cultura do narcisismo, encontra seu resplendor nos ideais propagados por dita cultura: felicidade, êxitos, prazer, bem-estar, reconhecimento. Contudo, torna-se um ideal incapaz de suprir uma satisfação plena porque, segundo Moreira (1995), essa satisfação plena seria, por um lado, o correlato do alcance do ego ideal, algo impossível, ou, pelo outro, o cessar do movimento pulsional. Para Moreira (1995), esse cessar, na teoria freudiana, apenas seria possível com a descarga absoluta ou com o gozo absoluto, que é a morte. Com efeito, diante dessas esclarecimentos, reiteramos as nossas perguntas: o que é que as pessoas buscam nas redes? Será possível que ocorra elaboração psíquica por meio de interações nesse ambiente?

A Elaboração Psíquica Como Repercussão das Redes Sociais na Subjetividade dos Usuários

Freud (1890/2006), no começo de sua trajetória, mais precisamente no texto “Tratamento Psíquico” (Tratamento da Alma - *Psychische Behandlung*), formula que o caminho por excelência para o tratamento psíquico é o da palavra. Com base nessa consideração, parece-nos adequada a asserção de que, por meio da participação e das interações nas redes sociais, os participantes possam se expressar não somente por meio das palavras, mas também por meio da utilização de vídeos e de áudios em suas postagens. Por conseguinte, não seria inverossímil pensar que, a partir dessa conjectura, há possibilidade de elaboração psíquica por via da palavra utilizada nas redes sociais da internet.

Para fundamentar essa asserção, retomamos a proposição de que, se é possível postar imagens e textos e receber *feedbacks* sobre o que se publica nesse ambiente (Nicolaci-da-Costa, 2005; Rosa & Santos, 2013, 2014), há, de fato, um processo de elaboração psíquica por parte dos usuários que buscam lidar com conflitos pessoais, com lutos e com dificuldades próprias. Com efeito, essa é uma das repercussões das redes sociais na subjetividade de seus usuários, a qual elucidaremos doravante.

O ambiente das redes sociais é um espaço de escritura. Diferentemente do antigo “*querido diário*”, estamos diante de um espaço interativo que pode dar visualidade às palavras que nos conduzem pelo caminho capaz de trazer à baila o inefável, o obscuro. Consequentemente, por constituir-se um receptáculo intersubjetivo para as pessoas, tem-se, então, um lugar de expressão que pode fazer com que recordemos, repitamos e elaboremos (Freud, 1914/1991d) não somente sob influência dos demais imersos nesse meio interativo, mas também sob influência dos erráticos desdobramentos do desejo. Assim, em meio às frustrações inevitáveis e às dificuldades inerentes à vida, o sujeito do inconsciente encontra, nas redes sociais, um suporte para seus anseios e carências, os quais são transmitidos por via da palavra escrita e também pela confecção de imagens. O uso de poemas, de vídeos e de canções aprimora ainda mais essa possibilidade de expressão.

A elaboração psíquica à qual nos referimos é, em termos lacanianos, a expressão da condição de possibilidade de equívoco; de que aquilo que havia permanecido fora da cadeia de significantes encontre um lugar metafórico ou metonímico e possa, então, dar lugar a uma dimensão discursiva do desejo e frear o gozo absoluto (Lacan, 2003). Em outras palavras, reiteramos que a expressão nas redes pode acrescentar um *plus* de prazer que, ainda que superficial ou alienante, pode conter o impulso *thanático* que visa à descarga total (Moreira, 1995) e oferecer um suporte para a elaboração de lutos, de dificuldades pessoais e de situações difíceis. Não seria despropositado, nem tampouco ingênuo pensar dessa forma. O que queremos destacar é que essa repercussão da modalidade de interação e de participação nas redes sociais na subjetividade é, de fato, uma novidade. Esse fenômeno não tem sido profundamente analisado no meio acadêmico sob esta perspectiva.

Por exemplo, no que concerne à elaboração de luto, que foi evidenciada também por Bousso, Ramos, Figueiredo, Santos, e Bousso (2014), Cazenave (2010) salienta que o luto é a perda real de um objeto que produz um buraco que não alcança a sutura por parte do significante. Por conseguinte, o sujeito é encaminhado para o lugar de privação e torna-se privado ele mesmo de poder nomear a falta real que lhe acomete. Faz-se necessária, então, a reconstrução da estrutura simbólica para a produção de um rasgo novo, algo que recubra esse buraco no real produzido pela perda. Assim, o fato de postar textos, fotos, realizar uma homenagem ao falecido e obter *feedbacks* por parte de seus contatos na rede social contribui para que o sujeito possa elaborar a perda. Nesse sentido, cabe enfatizar que a expressão por meio de imagens e textos e a interação com os demais usuários da rede social são favoráveis à elaboração do luto no psiquismo.

Seguindo por essa linha de raciocínio, a função das redes sociais de internet precisa receber mais atenção. Além do imediatismo e da rapidez da informação, de certa forma, evidentes nos dias de hoje, há algo mais que pode dificultar a elaboração psíquica do luto. Vale lembrar que, tal como elucidado por Ariés (1983), os rituais fúnebres foram se transformando ao longo da história. Segundo o autor, desde uma cerimônia pública organizada pelo próprio moribundo até a negação da morte e a eliminação do luto, a morte passou, em determinadas culturas, a ser vivenciada a partir da supressão e da

desritualização do luto, promovidas pelo dever moral e pela obrigação social de se mostrar feliz e de se evitar a tristeza. Consequentemente, se lhe adjudica aos enterros a qualidade de mais um objeto de consumo como qualquer outro e, por conseguinte, a elaboração psíquica da perda de seres queridos encontra escasso respaldo no contexto social. A partir desta perspectiva, podemos mencionar a existência de uma suposta dificuldade implícita de elaborar o luto na atualidade, não somente o luto relacionado à perda de seres queridos, mas também o luto procedente da transição entre diferentes etapas do desenvolvimento vital e também do término de relacionamentos afetivos e até mesmo o luto oriundo de mudanças na vida pessoal de cada indivíduo. Portanto, nesses casos, as redes sociais podem vir a contribuir, de fato, para que haja elaboração psíquica.

Em virtude dessa constatação, seguindo pelo caminho proposto por Freud (1937/1991b, 1901/1991c, 1914/1991d), para que haja elaboração psíquica é preciso que o material inconsciente se faça presente para se tornar um material analítico. Sem confundir o processo analítico com a modalidade de interação e de participação nas redes sociais, afirmamos que esse material pode surgir e que as consequências podem não ser as mais drásticas, mas positivas. Em contrapartida, se esse material analítico não encontrar respaldo na palavra que possibilite associações, construções e elaborações, podemos prever não somente a alienação do sujeito narcisista-individualista, mas também uma compulsão à repetição que, em vez de suscitar algum tipo de reelaboração, pode chegar a engendrar distintos desfechos, como é o caso dos transtornos de humor e de ansiedade, bem como do uso compulsivo dessas redes.

De resto, tal como percebeu Paiva (2012), ressaltamos que a cultura do narcisismo que tende a ser propagada no ambiente virtual é irrigada pela modalidade de comunicação em redes. Assim, o sujeito do inconsciente, mediante o contato com os outros, com suas frustrações e com a visualização textual e imagética de suas aspirações e carências, tem em mãos uma ferramenta para que seu psiquismo possa elaborar diversas questões, tais como conflitos pessoais, lutos e dificuldades próprias. Nessa perspectiva, cabe assinalar que a função de historicização do ego (Hornstein, 2013) possibilita a integração de nexos associativos entre externo e interno no psiquismo; entre passado, presente e futuro. Com efeito, abrem-se as portas da subjetividade para o devir, para a alteração, ou seja, para que se possa incorporar novos elementos sem deixar de ser si mesmo, em que pese a perda de algumas qualidades e o ganho de outras.

Como resultado desta análise teórica, concluímos que as repercussões das redes sociais na subjetividade dos usuários podem ser positivas. Paraphrasing Hornstein (2013), assinalamos que, assim como existe o colesterol bom, há um narcisismo trófico. Neste, o interesse primordial do sujeito nada tem a ver com o umbigo próprio, mas com metas e com atividades que têm como objetivo ambições, ideais e compromisso com os objetos. O centro das atividades vitais não é mais somente a manutenção da autoestima, do bem-estar e da identidade, mas também o produto colateral dessas dimensões convertidas em tais atividades e metas. Nessa perspectiva, uma vez alcançada a coesão do ego e da autoestima, o sujeito é livre para orientar sua vida não exclusivamente por motivos narcisistas. Portanto, se pensarmos em dificuldades inerentes à vida dos sujeitos em sociedade, tais como a morte, a insegurança, as afecções psíquicas, a pobreza, a discriminação e as desigualdades sociais, podemos afirmar que o ambiente das redes sociais oferece, sim, suporte para a elaboração de lutos, de dificuldades pessoais e de situações difíceis pelo simples fato de que possibilita a expressão em palavras, em vídeos e em imagens.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, demonstramos que o ambiente de redes sociais constitui-se em um dispositivo que pode possibilitar a elaboração psíquica de conflitos pessoais, de lutos e de dificuldades próprias de cada sujeito. A repercussão desse ambiente na subjetividade dos usuários é, nesse sentido, positiva. Com efeito, a relação entre bem-estar, narcisismo e uma suposta busca pela felicidade, impulsionada pelos ideais do mercado, parece-nos insuficiente para apreender a dimensão desse fenômeno das interações virtuais na subjetividade. Evidentemente, outras questões estão em

jogo. Portanto, cabe a nós, profissionais do tratamento psíquico, do tratamento da alma, buscar compreendê-las melhor.

Referências

- Alves, P. P., & Mancebo, D. (2006). Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, 11(1), 45-52.
- Ariés, P. (1983). *El hombre ante la muerte*. Buenos Aires: Taurus.
- Bauman, Z., & Dossal, G. (2014). *El retorno del péndulo: sobre psicoanálisis y el futuro del mundo líquido*. (L. Moscone, Trad.). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Benasayag, M., & Charlton, E. (1992). *La crítica de la felicidad*. Buenos Aires: Nueva Visión. (Original publicado em 1989).
- Bion, W. (2013). A theory of thinking. *The Psychoanalytic Quarterly*, 82(2), 201-3013. (Original publicado em 1962).
- Bouso, R.S., Ramos, D., Figueiredo, H.C. F., Santos, M.R., & Bouso, F. (2014). Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa. *Psicologia USP*, 25(2), 172-179.
- Caparrós, N. (1988). El narcisismo primario y el proceso de la subjetividad. In N. Caparrós (Org.). *Del narcisismo a la subjetividad: el vínculo*. (pp. 27-64) Madrid: Biblioteca Nueva.
- Cazenave, L. (2010). *El duelo en la época del empuje a la felicidad*. Recuperado em 14 maio, de 2015, de <http://virtualia.eol.org.ar/021/template.asp?Actualidad-del-lazo/El-duelo-en-la-epoca-del-empuje-a-la-felicidad.html>
- Chiu, C.M., Chenga, H.L., Huangb, H.Y., & Chen, C. F. (2013). Exploring individuals' subjective well-being and loyalty towards social network sites from the perspective of network externalities: the Facebook case. *International Journal of Information Management*, 33, 539- 552.
- Freud, S. (1991a). Análisis terminable e interminable. In J. Strachey, & A. Freud, (Org.). (Echeverry, J. L., Trad.). *Obras completas: Moisés y la religión monoteísta; esquema en psicoanálisis y otras obras* (1937-1939). (T. XXIII, pp. 211-254). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1937).
- Freud, S. (1991d). Recordar, repetir y reelaborar (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, 11. In J. Strachey, & A. Freud, (Org.). (Echeverry, J. L., Trad.). *Obras completas: sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente; trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras* (1911-13). (T. XII, pp.145-158). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1992a). Introducción del narcisismo. In J. Strachey, & A. Freud, (Org.). (Echeverry, J. L., Trad.). *Obras completas: contribución a la historia del movimiento psicoanalítico; trabajos sobre metapsicología y otras obras* (1914-1916). (T. XIV, pp.65-98). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1992b). Duelo y melancolía. In J. Strachey, & A. Freud, (Org.). (Echeverry, J. L., Trad.). *Obras completas: contribución a la historia del movimiento psicoanalítico; trabajos sobre metapsicología y otras obras* (1914-1916). (T. XIV, pp. 235-258). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1917).
- Freud, S. (2004). El mal estar en la cultura. In J. Strachey, & A. Freud, (Org.). (Echeverry, J. L., Trad.). *Obras completas: el porvenir de una ilusión; mal estar en la cultura y otras obras* (1927-1931). (T. XXI). 2a. ed. Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1930).
- Freud, S. (2006). Tratamiento psíquico (tratamiento del alma). In J. Strachey, & A. Freud, (Org.). (Echeverry, J. L., Trad.). *Obras completas: publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en la vida de Freud* (1886-1899). (T. I, pp. 111-133). 2a ed. Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1890).
- Green, A. (1993). *La nueva clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1990).
- Hornstein, L. (2013). *Las encrucijadas actuales del psicoanálisis: subjetividad y vida contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Kazue, C.S., & Fernandes, C.S. (2012). Internet e subjetividade: um debate preliminar. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 32(83), 294-312, Recuperado em 14 maio, de 2015, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94624915005>
- Lacan, J. (2003) *O seminário IX: a identificação*. Recuperado em 14 maio, de 2015, de <http://psicoanalisis.org/lacan/>
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mehdizadeh, S. (2010). Self-presentation 2.0: narcissism and self-esteem on Facebook. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 3(4), 357-364.
- Moreira, D. (1995). *Psicopatología y lenguaje en psicoanálisis: adicciones, psicossomática, autismo*. Rosário: Homo Sapiens.
- Moreira, J. O. (2010). Mídia e psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade. *Psicología para a América Latina*, 20, n. p. Recuperado de <http://www.psicolatina.org/20/midia.html>
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Primeiros contornos de uma nova "configuração psíquica". *Caderno Cedex*, 25(65), 71-85.
- Paiva, C.C. (2012). O Espírito de narciso nas águas do Facebook: as redes sociais como extensões do ego e da sociabilidade contemporânea. *INTERCON- XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Recuperado em 14 maio, de 2015, de <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0953-1.pdf>
- Pinheiro, M. de A. (2008). Subjetivação e consumo em sites de relacionamento. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 5(14), 103-121.

- Rosa, G.A.M. (2014). *Estetização do self e elaboração psíquica: repercussões das redes sociais na subjetividade*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília.
- Rosa, G. A. M., & Santos, B. R. (2013). *Facebook e as nossas identidades virtuais*. Brasília: Thesaurus.
- Rosa, G. A. M., & Santos, B. R. (2014). Who am I on Facebook? Usage and motivation through user eyes. *Psychology Research*, 14(1), 60-73.
- Rüdiger, F. (2011). *Teorias da cibercultura: as perspectivas, questões e autores*. 2a ed. Porto Alegre: Sulina.
- Twenge, J.M., Konrath, S., Foster, J.D., Campbell, W.K., & Blushman, B.J. (2008). Egos inflation over time: a cross temporal meta-analysis of the narcissistic personality inventory. *Journal of Personality*, 76, 875-901.

Recebido: 03/11/2014
Aprovado: 19/05/2015

Gabriel Artur Marra e Rosa: psicólogo, doutor em psicologia, pela Universidade Católica de Brasília; professor da Universidad del Salvador (USAL), Buenos Aires, Argentina.

Benedito Rodrigues do Santos: antropólogo; doutor em antropologia, pela Universidade de Berkeley, com pós-doutorado pela Universidade Johns Hopkins e pela Universidade da Califórnia; professor e pesquisador na Universidade Católica de Brasília, Brasil.